

“Por Isso Há entre Vocês Muitos Fracos e Doentes, e Vários já Dormiram” (1 Co 11.30) — Pecado e Sacrifício na Ceia do Senhor

Nélio Schneider

1. Introdução

Há uma nítida discrepância entre a forma e o conteúdo da “celebração” da ceia do Senhor em muitas comunidades da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) e a celebração nas primeiras comunidades cristãs. Creio que a grande maioria das colegas e dos colegas em função pastoral já deve ter tido a mesma impressão. Trata-se da seguinte constatação: os textos do NT nos dão a impressão de que os conceitos dominantes no contexto da celebração da ceia do Senhor são “comunhão”, “gratidão” (*eucharistia*) e “alegria”¹. No entanto, ao observarmos a forma da participação atual na ceia tem-se a nítida impressão de que os sentimentos dominantes são os de “culpa” e “medo”. Se analisarmos mesmo que superficialmente os conceitos litúrgicos dominantes na “celebração” da ceia iremos perceber que o conceito de “pecado” e, em função dele, a idéia da morte de Cristo como “sacrifício” desempenham um papel central².

O presente artigo visa provocar a discussão sobre concepções estabelecidas e tacitamente aceitas a respeito da ceia do Senhor e oferecer uma argumentação exegética que tem por objetivo relativizar a centralidade dos conceitos “pecado” e “sacrifício” no âmbito da celebração eucarística. Não se quer afirmar que os referidos conceitos nada tenham a ver com a ceia do Senhor. Como esta é expressão visível de todo o evento cristológico, naturalmente também há de estar relacionada com a compreensão de pecado e sacrifício. No entanto, os textos do NT não oferecem base para dar-lhes a posição de destaque de que usufruem atualmente, produzindo um resultado inverso ao pretendido pela mensagem evangélica manifesta na ceia. Portanto, se faz necessário resgatar outros elementos que integram a dimensão perdida da celebração da ceia do Senhor, ou seja, a *dimensão comunitária e social em sentido amplo*. Entretanto, o resgate dessa dimensão passa necessariamente pela crítica aos atuais elementos dominantes³.

2. Indagações Exegéticas a partir de 1 Co 11.17-34

Ponto de partida para as reflexões seguintes em torno do tema “ceia do Senhor” é justamente o texto de Paulo que tem sido usado para fundamentar uma visão personalista da mesma, centrada no perdão dos pecados individuais: 1 Co 11.17-34⁴. Neste texto não aparecem nem o termo “pecado” nem a idéia de “sacrifício”, mas ocorrem as expressões “examine-se cada pessoa”, “comer e beber indignamente” e “comer e beber para juízo”. A desconexão destas expressões do seu contexto histórico na comunidade de Corinto e sua conexão com a idéia geral de pecado individual e de juízo personalizado deixaram uma marca profunda na forma e no conteúdo da celebração da ceia no decorrer da história da Igreja até os dias atuais. Pode-se dizer que transformaram a celebração de gratidão pela salvação em Cristo e a vivência concreta da nova realidade em Cristo num momento de juízo sobre os pecados individuais, no qual predominam a contrição e a incerteza acerca do veredito de Deus. Justamente essa incerteza faz com que a idéia do sacrifício de Cristo seja tão grave nesse contexto. “E se Deus não perdoar? Preciso contar com a possibilidade de que o sacrificado seja eu mesmo. Se Deus não poupou o seu próprio Filho, por que pouparia a mim?” Na “celebração” atual da ceia o Jesus Cordeiro não é associado ao evento soteriológico, mas ao momento do juízo, no qual Deus não aparece como quem agracia, mas como quem pune severamente a pessoa pecadora. Alia-se, então, a necessidade do perdão ao medo da punição, do que resulta uma atmosfera soturna, pesada, que carece do momento da convicção alegre da graça de Deus concedida em Jesus Cristo.

O grau de possível generalização dessa constatação, baseada na observação empírica, deve ser avaliado criticamente por quem lê este artigo. No entanto, pude convencer-me de que o fenômeno descrito não é algo isolado ou excepcional. Para adquirir maior embasamento a respeito seria necessário realizar uma pesquisa representativa nas comunidades da IECLB e até além delas. Neste artigo somente posso levantar a suspeita e abordar o assunto a partir dela⁵.

Do confronto da situação descrita com a leitura do texto de Paulo surgem as seguintes indagações:

— Em favor de que foi “sacrificado” todo o aspecto comunitário e social implícito na comunhão do corpo de Cristo (11.22,30), da qual a celebração da ceia é expressão maior?

— Qual o sentido da expressão “examine-se cada pessoa” (11.28) no contexto da celebração da ceia? Qual seria o critério para o exame?

— O que significa “comer e beber indignamente” (11.27) no contexto da celebração da ceia do Senhor?

— Por que, no mesmo contexto, não aparece o conceito de “pecado”, mas a sua caracterização bem concreta como “divisão” (11.18)?

- O fato de haver pessoas fracas, doentes e “adormecidas” (mortas) (11.30) é consequência do “pecado” específico de cada uma ou da falta de comunhão concreta?
- O que seria, então, “comer e beber para o juízo” (11.29)?

3. Respostas a partir de 1 Co 11.17-34

Vamos considerar, em primeiro lugar, a situação concreta que levou Paulo a escrever essas palavras à comunidade de Corinto. Como era comum nas comunidades cristãs da época, a ceia do Senhor era celebrada no contexto de uma refeição comunitária⁶. O que levou Paulo a tratar do assunto na sua carta não foram problemas relacionados à liturgia propriamente dita da ceia do Senhor, mas à prática da refeição comunitária. Ocorreram divisões (11.18) na comunidade pelo fato da refeição ter sido desvirtuada de tal modo por algumas pessoas que ela perdeu seu caráter comunitário. Paulo negou àquela prática o *status* de ceia do Senhor e afirmou que, de fato, cada pessoa fazia sua própria refeição (v. 21). Algumas pessoas vinham mais cedo para o local da reunião e comiam e bebiam antes das outras; quando chegavam estas, que são caracterizadas no v. 22 como “as que nada têm”, passavam fome (v. 21). Sobrava para elas a participação na liturgia da ceia do Senhor, destituída do seu caráter solidário. É compreensível que isso levasse à formação de grupos na comunidade, pois o centro da vivência comunitária, a comunhão em torno da mesa comum (v. 20), havia sido desfigurado no seu sentido. Paulo repreende as pessoas “bem situadas” (v. 22) da comunidade, apresenta-lhes novamente a tradição da ceia (vv. 23-26) e exige de todas uma autocrítica sincera (vv. 24-31). A seguir, dá algumas instruções práticas: pede que os cristãos de Corinto esperem um pelo outro (v. 33) ao se reunirem para a refeição; se alguém não puder esperar deve comer em casa antes de comparecer à reunião comunitária (v. 34), para não correr o risco de tratar com desprezo a comunidade do Senhor e envergonhar as pessoas pobres (v. 22), o que pode resultar em juízo para toda a comunidade (v. 34: “para que, quando vocês se reunirem, isso não resulte em condenação”). Portanto, em Corinto estava em jogo a comunhão de mesa e, com ela, a comunhão como um todo. Membros mais abastados da comunidade estavam, com sua postura, promovendo uma separação entusiasta entre compreensão teológica e prática social. Em outras palavras, estavam “espiritualizando” a prática da ceia do Senhor⁷.

As respostas para as indagações acima devem ser buscadas a partir da situação delineada há pouco⁸. Em primeiro lugar, é preciso deixar bem claro que a preocupação do apóstolo Paulo em relação à ceia não se refere ao pecado individual de cada membro da comunidade coríntia, mas à descaracterização do sentido comunitário da celebração da ceia do Senhor⁹. Por isso, ele não fala em “pecado”, mas em “divisão” (v. 18). Argumentando a partir da unidade do corpo de Cristo, que se expressa na comunhão sob o pão e o cálice da ceia (1 Co 10.17),

Paulo não julga a convivência comunitária a partir de um critério dogmático. Ele usa o critério prático da “edificação” (10.23; cf. 8.1; 14.3-5,12,17,26). O contrário de edificar é “não levar em consideração”¹⁰ (11.29) o corpo de Cristo, ou seja, dar margem à “divisão” (11.18), pela qual seu corpo está novamente sendo morto. Quem causa divisão pode ser apontado como réu desta morte (11.27) e confrontado com o juízo (11.29). A questão-chave então é se a celebração da ceia do Senhor promove a comunhão e a edificação da comunidade ou é geradora e até mesmo reflexo de divisões.

No contexto desta interpretação o sentido da expressão “examine-se cada pessoa” (11.28) é bem diferente do tradicionalmente aceito no contexto da celebração da ceia. Não se pensa que cada pessoa deva auscultar seu coração para conscientizar-se de pecados ocultos e não-confessados, com o objetivo de resolvê-los como condição de uma participação digna e irrepreensível na ceia do Senhor¹¹. Neste caso, o critério para o auto-exame seria uma relação o mais completa possível dos pecados individuais (*speculum peccati*). Como sabemos, esse procedimento se tornou uma regra bastante difundida para a participação na ceia e exclui aquelas pessoas das quais se pensa que não podem fazer uma confissão de pecados no nível de consciência desejado (p. ex. as crianças)¹². Disso resultam critérios contraditórios no que tange à postura em relação aos sacramentos do batismo e da ceia¹³. Enquanto que a participação no batismo não requer consciência do pecado, a participação na ceia a pressupõe sob o risco de participação indigna. Dois pesos e duas medidas.

Paulo não pensa em consciência de pecado no sentido geral. Tanto é que o termo “pecado” nem aparece nesse contexto. O que ele está exigindo de cada uma das pessoas da comunidade de Corinto, *em vista dos problemas que ali foram constatados em relação à celebração da ceia, é uma postura autocrítica*¹⁴ no sentido de que cada uma determine a sua responsabilidade no desvirtuamento do sentido da ceia do Senhor. A finalidade dessa autocrítica é corrigir as falhas que estão acontecendo em relação à prática da refeição comunitária. Para que ela volte a ser o reflexo da nova existência da comunidade como corpo de Cristo há necessidade de uma mudança de postura que começa com a autocrítica. Longe de Paulo está a idéia de tornar isso uma regra para toda e qualquer celebração da ceia do Senhor independentemente de época e lugar¹⁵.

Do mesmo modo, “comer e beber indignamente” (11.27) no contexto da celebração da ceia do Senhor em Corinto não resulta da falta de um exame criterioso do pecado individual, como se disso dependesse a dignidade da celebração eucarística. A celebração digna é aquela em que cada pessoa envolvida “leva em consideração o corpo [de Cristo]” (11.29), evitando tudo o que possa dividir ou desfazer a integridade do mesmo. Portanto, a dignidade da celebração provém da presença do Senhor na ceia e não de uma atitude da pessoa que dela participa. Indigna na comunidade de Corinto é a forma da celebração e não a condição pessoal de cada participante. O “pecado”, se assim queremos, não reside no

elemento oculto e não-confessado, mas na divisão manifesta, na ferida a lacerar o corpo de Cristo, no esvaziamento da dimensão comunitária e solidária¹⁶. Esse estado de coisas leva ao juízo líquido e certo.

E Paulo é de opinião que ele já está acontecendo. O fato de haver pessoas fracas, doentes e “adormecidas” (= mortas) (11.30) não é consequência do “pecado” próprio de cada uma, mas da falta de comunhão e solidariedade concretas na comunidade. Naturalmente quem mais sofre com a situação — como sempre — são as pessoas desfavorecidas. Claro que não são aquelas que se alimentam e até embebedam nas reuniões da comunidade (v. 21-22), como se sobre essas viesse o juízo de Deus de forma misteriosa¹⁷. Paulo se refere a quem não consegue se alimentar, “aos que nada têm” (v. 22) e aos que nem mesmo nas reuniões da comunidade conseguem se fartar, tendo que se contentar com o “sacramento” de uma nova realidade. Essas pessoas definham e, com elas, a comunidade. Elas são o juízo de Deus sobre a comunidade, são o resultado da falta de comunhão concreta, não obstante a comunhão no rito eucarístico corretamente realizado. Para as primeiras comunidades cristãs a comunhão de fé na celebração eucarística implicava necessariamente a comunhão de vida como um todo¹⁸. Não há comunhão eucarística verdadeira onde as divisões comuns à nossa realidade perduram. A ceia do Senhor não é um mero sinal de algo distante; ela é realidade concreta, é a manifestação visível da nova criação em Cristo.

A celebração da ceia do Senhor que não leva em conta a realidade concreta e sedimenta divisões e injustiças no seio do corpo de Cristo constitui-se num “comer e beber para o juízo” (11.29), numa comemoração indigna da memória de Cristo (vv. 24 e 25: “em memória de mim”).

4. Ceia do Senhor, Pecado e Sacrifício

No decorrer da história da Igreja todo esse aspecto comunitário e social implícito na comunhão do corpo de Cristo, da qual a celebração da ceia é expressão maior, foi “sacrificado” em favor de uma definição dogmática particularista centrada na necessidade do perdão dos pecados¹⁹. Essa necessidade se fundamenta na constatação antropológica da indignidade pessoal inata e na conseqüente ameaça do juízo. A ceia conseqüentemente assume um sentido mais introspectivo, afeto mais ao interior do ser humano, à sua relação pessoal com Deus²⁰. Para colocar essa relação em dia ele se dirige, ao menos duas vezes por ano, ao altar do Senhor para buscar absolvição.

Nesse momento ganha importância a teologia do sacrifício²¹ de Cristo como garantia da absolvição.. A pessoa vai ao altar do Senhor consciente da gravidade da sua situação. Ali lhe são oferecidos a oportunidade do arrependimento e os sinais concretos do sacrifício efetuado por Cristo em favor de qualquer pecado

cometido sob o céu. Acentua-se a crueza do sacrifício por meio das imagens do Cordeiro, do pão como corpo doado e do vinho como sangue derramado. Longe de ser libertador, esse é um momento angustiante, pois tudo depende da dignidade alcançada no momento do arrependimento sincero (!) dos pecados. E se o arrependimento não foi suficientemente sincero? Se não agradou a Deus? O corpo e o sangue de Cristo ingeridos naquele instante tornam-se comida e bebida de juízo. Creio que cada pessoa tem, mesmo que inconscientemente, a nítida sensação de que aquele momento da ingestão do pão e do vinho é crucial. Pois quem, sendo absolutamente sincero, pode ficar tranqüilo quanto à sua dignidade perante Deus? A rápida resposta luterana seria: somente quem confia na graça de Deus. Mas na mentalidade geral não é o Deus gracioso que está presente na ceia, e sim o Deus juiz, que pune severamente as faltas cometidas. O alívio e a alegria só voltam quando as pessoas saem da igreja e constataam: “Dessa eu escapei!”

Como as pessoas repetidas vezes escapam incólumes daquela situação embaraçosa mas necessária, acabam tendo a impressão de que nada lhes acontecerá e sua participação se torna cada vez mais ousada. Desse modo estamos hoje no ponto de não conseguirmos mais relacionar a celebração da ceia do Senhor com nenhum ponto concreto da vida comunitária. O rico e o pobre, o patrão que explora e o empregado explorado, o marido violento e a esposa violentada, todos podem tranqüilamente participar da ceia lado a lado, sair do culto e continuar sua vida normalmente. Não há relação entre a dimensão social da vida e a comunhão da ceia do Senhor. A ceia se transformou numa comunhão de pecadores que constantemente precisam renovar o perdão dos seus pecados, não para mudarem de vida, mas para poderem continuar no mesmo estilo de vida.

Tudo isso é “sacramentado” por uma teologia do sacrifício, em cujo fundamento está a idéia de que o referido sacrifício proporciona um pagamento a Deus feito por Deus mesmo pelo pecado humano; este sacrifício novamente equilibraria os pratos da balança e deixaria Deus satisfeito. Esta interpretação sacrificial praticamente monopoliza a compreensão do sentido da morte de Cristo. No entanto, um Deus que exige tal sacrifício para se dar por satisfeito e ver aplacada sua ira é um Deus suspeito, pois sanciona a necessidade de sacrifício. No fundo, essa teologia se volta contra a pessoa que participa da ceia, pois ela não pode ter certeza de que Deus não exigirá também o seu sacrifício com base nos pecados cometidos. Por outro lado, como é que um Deus gracioso pode exigir o sacrifício de seu Filho para perdoar pecados? A teologia da graça conflita com a teologia do sacrifício²².

Para contrabalançar os efeitos negativos da teologia do sacrifício pelo pecado individual é necessário fazer uma opção teológica: acentuar a dimensão comunitária da ceia e reforçar outras imagens também presentes na tradição da ceia do Senhor, ou seja, o cálice e a nova aliança (1 Co 11.27). A imagem usada nos textos do NT não é tão crua e direta como estamos acostumados a pensar. Não se diz “este pão é o corpo” e “este vinho é o sangue”, mas “isto é o meu corpo” e “este cálice é a nova aliança no meu sangue”²³. As imagens e a linguagem da

tradição sobre a ceia são mais ricas e abrangentes, fluem do evangelho e não se tornam dependentes da idéia de sacrifício. Elas contêm em si o todo da mensagem evangélica e da nova realidade em Cristo e por isso também abrangem toda a vida de quem participa da comunhão eucarística.

O uso da palavra “cálice” nos livra de toda a discussão filosófica em torno da substância²⁴ nele contida e nos permite aceitar a presença real de Cristo na celebração da ceia independentemente da forma das moléculas ingeridas naquele momento. (Chama a atenção que em toda a tradição em torno da ceia do Senhor no NT não ocorre nenhuma vez a palavra “vinho”, o que nos dá certa liberdade para fundamentar exegeticamente o uso do suco de uva na celebração da ceia. Afinal de contas, o “fruto da videira” ao qual Jesus alude pode ser tanto o vinho como o suco. É claro que o mais provável é que tenha sido vinho, mas permanecem o benefício da dúvida e a certeza de que a celebração digna não depende essencialmente da substância presente no cálice.)

Maior relevância, no entanto, tem o conceito de “nova aliança”, oriundo de Jeremias 31. Ele abrange todo o significado da relação de Deus com o mundo e não pode nunca ser substituído em seu sentido pelo conceito de sacrifício. Devemos, pois, enfatizar que “não apenas a morte, mas toda a vida de Cristo é redentora”²⁵. Os elementos “pão e cálice”, assim como “corpo e sangue” de Cristo, estão no lugar de “vida e salvação”²⁶ e tratam de uma nova aliança a partir de Deus, unilateral, graciosa. Assim foi toda a vida de Cristo, desde o seu nascimento até a sua ressurreição. A última ceia celebrada por Jesus com seus discípulos aconteceu no mesmo espírito das primeiras e apontava para a celebração da nova ceia na plenitude do Reino. Isto é o que nos dá a convicção de que ele continuará a agir assim por todos os tempos e nos fortalece na disposição de comparecer na sua presença alegremente e com espírito grato, eucarístico²⁷.

5. Conclusão

A nova realidade da salvação é vivida pela comunidade reunida em culto e especialmente durante a celebração da ceia do Senhor. Naquele momento está presente o todo da salvação em seus aspectos passado (“em memória de mim”), presente (comunhão do corpo de Cristo) e futuro (“até que ele venha”)²⁸. Celebram-se a memória da ação salvífica de Deus em Cristo e a antecipação da plenitude do seu reino (1 Co 11.23-26). Mas o resultado presente é concreto e palpável: uma nova qualidade nas relações entre as pessoas da comunidade. A comunhão de vida é real e verdadeira. A vida é partilhada, surgindo a presença social concreta do reino de Deus como antecipação. Está reunida a *ekklesia*, o corpo de Cristo, como uma nova proposta de relação social. Vimos que o apóstolo Paulo critica a comunidade de Corinto por estar falhando justamente na vivência concreta dessa nova realidade escatológica (1 Co 11.17-34). A falta da nova

comunhão, que se manifesta naquele caso concreto em falta de partilha, leva à destruição do corpo de Cristo devido às divisões decorrentes e também por causa das conseqüências concretas da falta de partilha: fraqueza, doença e morte de membros da comunidade (v. 30). Então, a presença concreta da salvação na ceia se manifesta na comunhão ampla de vida e na criação de novas estruturas de relação social (cf. At 2.42-46).

Não estaria residindo aí justamente o maior “pecado” das nossas “celebrações”, em que elas não dão substância/corpo à fé? E a principal causa disso não seria talvez o déficit de interpretação bíblica, ou seja, a falta de lastro teológico²⁹?

Notas

- 1 Em 1 Co 11.17-34 o aspecto da comunhão ampla é essencial (v. abaixo); de At 2.42-47 depreendem-se a comunhão intensa e a alegria da reunião eucarística. Mesmo nos textos da “instituição” da ceia do Senhor (Mc 14.22-26) destacam-se os elementos da bênção (*eulogia*), da gratidão (*eucharistia*) e do louvor (*hymnéo*).
- 2 Na forma litúrgica antiga, por décadas em vigor na IECLB, isso é bem claro. O acento está na confissão *sincera* de todos os pecados, no arrependimento *sincero*, na absolvição a quem se arrependeu *sinceramente* e no desejo *sincero* de levar uma vida renovada. A ação de graças ocupa um espaço relativamente insignificante; ela é seguida das palavras da instituição e do hino “Ó, Jesus Cordeiro”, o qual corrobora a teologia do sacrifício presente na mentalidade de todos. A oração que vem após o hino volta a mencionar a participação indigna e o convite à mesa ainda reforça que a participação se dê “com humildade e sincera confiança” (*Manual de Ofícios da IECLB*, São Leopoldo, Sinodal, 1977, p. 6-9). Mesmo no novo material, que distancia a confissão de pecados do momento da ceia e enriquece a celebração com outras imagens, o hino “Cordeiro de Deus”, localizado imediatamente antes da celebração, funciona como uma senha e evoca o espírito da forma antiga (*Celebrações do Povo de Deus*; Prontuário Litúrgico da IECLB, São Leopoldo, Sinodal, 1991, p. 20).
- 3 Tomo como referência exegética e teológica mais ampla os artigos de Wilhelm HÜFFMEIER, Agradecer como Tomar; Considerações sobre a Santa Ceia como Eucaristia, *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, 25(2):125-152, 1985, e de Gottfried BRAKEMEIER, A Santa Ceia no Novo Testamento e na Prática Atual, *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, 26(3):247-275, 1986. Pressuponho, de certa maneira, a leitura destes ensaios e concentro-me em dois pontos, a meu ver, teologicamente decisivos: a centralidade da questão do pecado, também apontada por Hüffmeier (p. 134s.) e Brakemeier (p. 268s.), e a questão do sacrifício como um elemento a mais a ser levado em conta na discussão teológica. [Os dois artigos acima serão citados a seguir somente por meio do nome do autor seguido do número da página.]
- 4 Dentre as muitas boas análises desse texto destaco somente a de Günther BORNKAMM, Eucaristia y Iglesia en San Pablo, in: —, *Estudios sobre el Nuevo Testamento*, Salamanca, Sígueme, 1983, p. 103-44; Gerd THEISSEN, Integração Social e Ação Sacramental, in: —, *Sociologia da Cristandade Primitiva*; Estudos, São Leopoldo, Sinodal, 1987, p. 148-67, e Peter LAMPE, Das korinthische Herrenmahl im Schnittpunkt hellenistisch-römischer Mahlpraxis und paulinischer Theologia Crucis (1Kor 11,17-34), *Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft und die Kunde der älteren Kirche*, Berlin/New York, 82(3/4):183-213, 1991.
- 5 A suspeita é fundamentada pela experiência e contatos com as mais diversas comunidades tanto

no Brasil quanto na Alemanha e no fato de que há séculos se pratica uma forma litúrgica centrada no conceito do pecado individual e da necessidade do sacrifício, como exposto acima.

- 6 Sobre isso v. Bernd KOLLMANN, *Ursprung und Gestalten der frühchristlichen Mahlfeier*, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1990. Ele conclui na p. 273: “A ceia celebrada no cristianismo antigo, qualquer que tenha sido a sua forma, nunca foi uma ‘comunhão individual’, mas sempre um comer e, dependendo da circunstância, também um beber comunitário — em sua maioria com implicações no sentido de saciar — o qual documentava ou garantia de maneira especial uma determinada condição salvífica comum e que não podia conceber os conteúdos sacramentais da ceia desligados de um ajustamento correspondente das relações sociais na comunidade em questão.” (Tradução N. S.)
- 7 Essencial, para eles, era o conhecimento correto (*gnosis*); as relações concretas eram relegadas a um segundo plano (cf. 1 Co 8.1-13).
- 8 Para mais detalhes sobre a situação em Corinto ver artigos citados na nota 4, em especial os de THEISSEN e LAMPE.
- 9 Esse aspecto é sublinhado também por HÜFFMEIER, p. 135.
- 10 As traduções geralmente trazem “discernir o corpo” (Almeida, Nova Versão Internacional, Jerusalém) e com isso se eximem de dar um sentido mais específico à expressão. *A Bíblia na Linguagem de Hoje* é mais precisa quando traduz por “reconhecer que se trata do corpo do Senhor”. O termo *diakrino* significa “discernir, distinguir, diferenciar, levar em consideração”. Desde os primeiros tempos a palavra *sôma* foi complementada e interpretada com as palavras “do Senhor”, referindo-se à dimensão sacramental e eclesiológica representada pela celebração da ceia do Senhor. Não vejo necessidade de optar entre o significado sacramental e o eclesiológico, como faz Christian WOLFF, *Der erste Brief des Paulus an die Korinther; zweiter Teil*, 2. ed., Berlin, Evangelische Verlagsanstalt, 1982, p. 95.
- 11 Cf. p. ex. *Manual de Ofícios da IECLB*, p. 5.
- 12 Cf. no *Manual de Ofícios da IECLB*, p. 3-9, a frequência com que ocorre o termo “sincero/sinceramente”.
- 13 Cf. também o questionamento de Marcos KRUSE, *Participação de Crianças na Ceia do Senhor: Avanço Aparente, Estudos Teológicos*, São Leopoldo, 31(3):284-288, 1991.
- 14 Cf. BRAKEMEIER, p. 268.
- 15 Na direção de uma generalização parece tender a conclusão de BRAKEMEIER, p. 269: “A participação condigna na ceia do Senhor exige a confissão de pecados”. Compare com p. 251: “É a razão porque à mesa de Jesus todos têm acesso, desde que reconheçam os seus pecados” (grifo N. S.).
- 16 No mesmo raciocínio se enquadram as divisões que Paulo constata quanto às preferências teológicas por um ou outro apóstolo (caps. 1 a 4) e quanto ao conflito entre “fortes” e “fracos” (caps. 8 a 10).
- 17 O v. 30 deve ser interpretado a partir da situação geral exposta acima, em especial à luz do v. 22. “Por isso” (v. 30) está relacionado diretamente com “levar em consideração o corpo [de Cristo]” (v. 29). Então há pessoas fracas, doentes e até aquelas que estão morrendo na comunidade pelo fato da nova realidade eclesiológica do corpo de Cristo estar sendo desconsiderada no sentido do v. 22. Na mesma direção vai o comentário de BRAKEMEIER, p. 269, nota 70 (com referência a Conzelmann). V. também BORNKAMM, p. 136s.
- 18 Cf. B. KOLLMANN (v. citação acima, nota 6).
- 19 Também a formulação de Martinho LUTERO no Catecismo Menor privilegia o aspecto mais particularista, direcionando a celebração da ceia exclusivamente para o aspecto da remissão dos pecados e do comparecimento digno com um coração “verdadeiramente” crente (*Livro de*

- Concórdia; as Confissões da Igreja Evangélica Luterana, São Leopoldo, Sinodal; Porto Alegre, Concórdia, 1980, p. 379). A parte anterior, sobre a confissão, mostra que o pecado é entendido a partir do “eu, pobre pecador...”, seguindo-se uma lista de pecados particulares (p. 377s.). Tal abordagem estreita, decorada e repetida por séculos, não deixou de ter graves reflexos na mentalidade geral do povo luterano. Mesmo na parte referente ao “sacramento do altar” no Catecismo Maior, LUTERO não focaliza o aspecto comunitário, restringindo-se ao proveito que a santa ceia tem para o indivíduo em sua necessidade de salvação e consolo (*Livro de Concórdia*, p. 486-496: “diária pastagem e alimentação” [p. 488], “medicina inteiramente salutar e consoladora” [p. 493], o indivíduo deve se apropriar da oferta do sacramento “pela fé do coração” [490], a despeito da indignidade pessoal e de todos os pecados que possa ter cometido [494, inclusive *speculum peccati*]; a palavra “comunidade” não ocorre).
- 20 Krister STENDAHL delineou muito bem essa tendência do cristianismo ocidental em seu artigo *The Apostle Paul and the Introspective Conscience of the West*, *Harvard Theological Review*, Harvard, (56):199-215, 1963, e depois no ensaio *Paul among Jews and Gentiles*, in: K. STENDAHL, *Paul among Jews and Gentiles and Other Essays*, Philadelphia, Fortress, 1976, 133 p. Também HÜFFMEIER, p. 129s., chama a atenção para esse aspecto, neste caso em relação à ceia do Senhor.
- 21 Para uma discussão crítica mais aprofundada sobre a mentalidade sacrificial e suas conseqüências ver os artigos de Julio de Santa ANA, Franz HINKELAMMERT, Jorge PIXLEY, Rui JOSGRILBERG e Luiz Carlos SUSIN in: Hugo ASSMANN, ed., *René Girard com Teólogos da Libertação; um Diálogo sobre Ídolos e Sacrifícios*, Petrópolis, Vozes; Piracicaba, Unimep, 1991, 331 p. Cf. também Benedito FERRARO, *Cristologia em Tempos de Ídolos e Sacrifícios*, 2. ed., São Paulo, Paulinas, 1993, 110 p.
- 22 Chama a atenção que Paulo muito raramente se vale da imagem do sacrifício para falar do sentido da morte de Jesus Cristo. Com exceção de 1 Co 5.7, a idéia de sacrifício só aparece em passagens da tradição (p. ex. Rm 3.25; 5.9). Cf. Gerhard BARTH, *Der Tod Jesu Christi im Verständnis des Neuen Testaments*, Neukirchen-Vluyn, Neukirchener, 1992, p. 38-47, 107ss. [A edição em português deste livro já se encontra no prelo da Editora Sinodal.]
- 23 Cf. HÜFFMEIER, p. 137 (referindo-se a W. Marxsen).
- 24 A discussão em torno da questão filosófica da “substância” e do “acidente” perdeu o sentido com a mudança do conceito de substância. Sobre isso cf. Urbano ZILLES, *Os Sacramentos da Igreja Católica*, Porto Alegre, Edipucrs, 1995, p. 172 (Coleção: Teologia, 4), e BRAKEMEIER, p. 260-261.
- 25 Leonardo BOFF, *Paixão de Cristo, Paixão do Mundo; os Fatos, as Interpretações e o Significado ontem e hoje*, 2. ed., Petrópolis, Vozes, 1978, p. 98.
- 26 Cf. Martinho LUTERO no Catecismo Menor (*Livro de Concórdia*, p. 379).
- 27 Os mesmos elementos são sublinhados também pelo teólogo católico Urbano ZILLES, op. cit., p. 178-179.
- 28 Cf. a coincidência entre a abordagem de BRAKEMEIER, p. 272-273, e do teólogo católico Urbano ZILLES, op. cit., p. 179.
- 29 Cf. a mesma constatação por parte de HÜFFMEIER, p. 131s.

Nélio Schneider
Escola Superior de Teologia
Caixa Postal 14
93001-970 São Leopoldo — RS